



A POESIA DE GILBERTO PESSOA

Nelson Marzullo Tangerini

Em 1980, Gilberto Pessoa me pediu que escrevesse algo para seu livro "PoeMigração". O que escrever, quando o prefácio do livro era escrito por nosso Professor de Filosofia, Carlos Henrique de Escobar? Primeiro, pensei em Poe, o Edgar Allan Poe. Teria o poeta pensado neste trocadilho? Naquela faculdade de jornalismo, estávamos ainda nos conhecendo e eu tive de me concentrar no que tinha visto em minhas viagens à Amazônia, com meu irmão mais velho, o biólogo Nirton Tangerini.

Em março de 1980, entreguei, então, um texto, que ora publico – revisado.

O MIGRANTE GILBERTO PESSOA

Carlos Gilberto Pessoa da Silva me pediu para escrever algo sobre a migração ou êxodo rural, quando ele é a própria migração e o próprio êxodo rural.

Nascido em Belém do Pará a 30 de maio de 1953, Gilberto Pessoa só tem feito uma coisa: brigar. Brigar pela igualdade, pela fraternidade, pela liberdade. É um poeta inconformado com as multinacionais que sugam o país. Essa briga que ele trava contra o capitalismo selvagem não é feita com armas de fogo, e, sim, com a poesia que corre pelo seu corpo como energia, até chegar à sua mão e ao papel. Sua cabeça e o fato social determinam a fonte. O corpo, um leito amazônico, seguindo para o Oceano Atlântico.

O poeta tem seu papel na cultura desse povo oprimido. O papel é extraído da madeira da floresta. Gilberto Pessoa é filho da Mãe Amazônia e é muito natural que se preocupe com ela.

O poeta me impressionou com o seu poema "Paralisação", revelado no seu primeiro livro "Po-

esia", em que ele retrata toda a realidade brasileira.

Mestiço de índio com branco, Gilberto se preocupa não só com o Projeto Jari, mas também com a luta de classes, com a sucessão, com a revolução, com a causa do povo, que é a causa de toda a América, com o êxodo rural, com as multinacionais, com a inflação, com a abertura, com os índios, com tudo e com todos.

Gilberto Pessoa, ou simplesmente Carlos, como é chamado pelo nosso ilustre amigo Prof. Carlos Henrique de Escobar, é um poeta que vai dar certo como tantos outros migrantes, como Carlos Drummond de Andrade, Ferreira Guller e Catulo da Paixão Cearense também deram certo.

É um migrante assustado com aviões, carros, as luzes da cidade, a agressividade das pessoas da

cidade grande, e que sonha com o sucesso literário.

Ou brigamos ou não brigamos, e tudo será atrocidade, desrespeito aos direitos humanos e naturais, violência e caos. Precisamos abrir os olhos e acordar de um silêncio e sono profundos.

Pouco falei sobre êxodo rural e migração, mas deixei bem clara a ideologia do poeta. Sua obra é a própria migração, o próprio êxodo rural, que todos sabemos ser um problema duro e complicado. O migrante acha que vai dar certo na cidade grande e, em proporções consideráveis, acaba desamparado e o exemplo são nordestinos que trabalham na construção do metrô ou em construções, ganhando salários miseráveis, agarrado à boia-fria e explorado pelos patrões. Todos sabemos disso e, em muitos dos casos, 'não podemos fazer nada'.

É difícil expressar nosso sentimento a esse povão maravilhoso, que nos anima, apesar da dura sobrevivência, com o balanço tipicamente brasileiro como o baião, o xaxado, o carimbó e outros ritmos maravilhosos que estão sendo boicotados pelas multinacionais do disco.

Precisamos lutar pelo que é nosso para que, mais tarde, não dancemos essas danças metálicas e que nossa poesia não morra numa cristaleira".

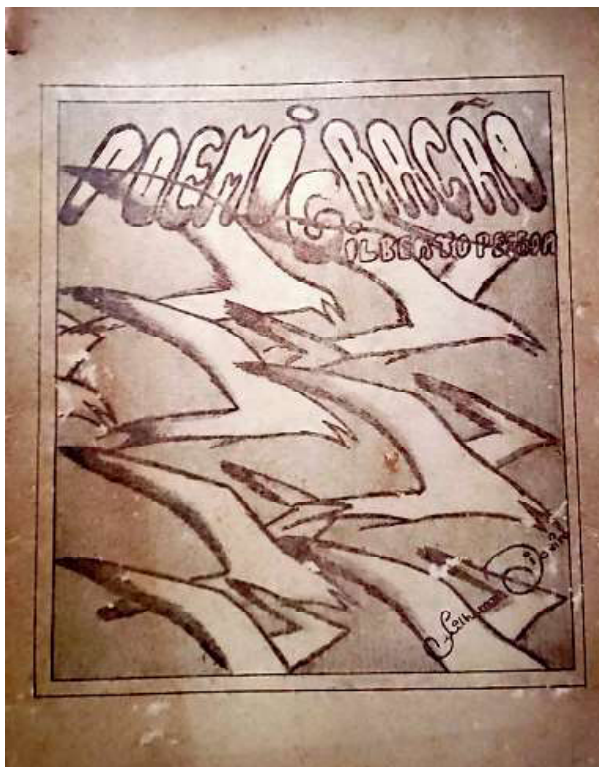
Sempre generoso e libertário, Gilberto publicou no livro poemas de amigos seus, como Décio Lopes, Cláudio Negreiros, Tereza Cristina de Oliveira (Tinha), Guilherme Gilbert Ribeiro, José Olyntho Contente Neto (também paraense), Árgus Mário Paholsky (que desistiu da vida terrena), Plínio Menezes Bezerra e Nelson Vidal Chaves. Tal atitude levou-me a fazer o mesmo, em meu livro "Paulicea (Ainda) Desvairada" (1981), quando incluí, também, poemas de amigos, como um poema de Heleno Rodrigues Alves: "A folha da Ser/Mente".

O texto acima passou por uma rigorosa revisão minha, pois era assim que deveria tê-lo escrito. Seu miolo, enfim, continua sendo o mesmo, pois reflete os duros anos de chumbo que tivemos de engolir.

Gilberto, Heleno e Árgus, amigos queridos, já não estão mais entre nós, mas guardo-os "do lado esquerdo do peito, mesmo que o tempo e a distância digam não".



Nelson Marzullo Tangerini - Rio de Janeiro (RJ) - é poeta, jornalista, escritor e professor de Língua Portuguesa e Literatura.





Exposição Itinerante de Poesia e Arte

A exposição itinerante de Poesia e Arte "Crisol de Artes e Letras", organizada pela AVIPAF - Academia Virtual Internacional de Poesia, Artes e Letras, ficará em cartaz, até o dia 21 de outubro, na Biblioteca Rosália de Castro do Instituto Cervantes de Curitiba, R. Ubaldino do Amaral, 927.

O evento, com a curadoria de Carlos Zemek, abriga artes plásticas e poemas em espanhol, traduzidos por Elcian Goedert, de escritores da Argentina, Brasil e Uruguai.

A primeira exposição, organizada pela AVIPAF e Instituto Erato, realizada em 21 de junho, em Montevidéu, Uruguai, contou com curadoria de Carlos Zemek e coordenação de Sheina Lee Leoni.

A terceira exposição será realizada no dia 12 Novembro, às 19 horas, na Casa da Cultura Emília Erichse, R. Dr. Jorge Xavier da Silva, 45, em Castro (PR). Contará com curadoria de Carlos Zemek e organização de Daniel Mauricio. Os poemas expostos serão na sua língua original.

Participam das exposições os poetas Araceli Otamendi e Graciela Pucci (**Argentina**); Arriete Rangel de Abreu, Atilio Andrade, Divani Medeiros, Decio Romano, Daniel Mauricio, Isabel Furini, Rosani Abou Adal, Vera Lucia Cordeiro, Maria Antonieta Gonzaga Teixeira, Elciana Goedert, Vanice Zimmerman Ferreira, Valeria Borges da Silveira, Atilio Andrade, Chris Herrmann, Devora Dante e Thaís Furusho (**Brasil**); Claudia Rodríguez, Dafne Andrea Silva Ibáñez, Norma García Coirolo, Aurea Mabel Romero Pereira, Sheina Leoni, Teresa Ramírez, Yanni Tugores, Macarena Cardozo, Sally Araceli Cabrera Fernández, Janina Barboza, María Teresa Barbat, Marina Yaniero Funes, Joel Benitez, Estela Centurión Álvarez, Loreley Molinelli, Elisa Samovich, Sonia Blanco, Yolanda Aguilera, Silvia Ruiz Velázquez, Daniel Marziotte Campanella, Carlos Omar Dive e Carmen Berisso (**Uruguai**).

LINGUAGEM VIVA

Assinatura Anual: R\$ 160,00
Semestral: R\$ 80,00

Banco do Brasil: Conta 19081-0 - agência 0719-6 -

Banco Bradesco: agência 0165 - conta 0013923-8

PIX: rosani@linguagemviva.com.br

Enviar comprovante e endereço para

linguagemviva@linguagemviva.com.br

Celular e Whatsapp.: (11) 97358-6255

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal
Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000

Contato: Whatsapp (11) 97358-6255 -

linguagemviva@linguagemviva.com.br

Assinatura anual R\$ 160,00 e semestral R\$ 80,00

Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades.

Impressão: *A Tribuna Piracicabana* - Tel.: (19) 2105-8555

Rua Tiradentes, 1111 - Piracicaba - SP - 13400-765.

Selos e logo de Xavier - www.xavierdelima1.wix.com/xavi

Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores.

O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

JACARÉS

Raquel Naveira

Um grande quadro to-
mou conta da parede
de minha sala: é o
"Acasalamento ao Luar", do artista
plástico Jonir Figueiredo (1951-
2025). Assim descrevi essa cena
num poema:

Os jacarés se encontram,
Os olhos dourados fulgem
Dentro de verde de suas pelis,
Do capim duro e selvagem.

Mais tarde, num ninho de folhas
quentes,
Estarão os ovos, ásperos e claros,
De onde novos jacarés sairão
Em busca do rio e do luar.

Macho, fêmea, lua, capim,
água, peles... o palco do Pantanal.
O jacaré é mesmo símbolo dessa
imensa planície alagada, que tem
a maior população de jacarés do
mundo. São milhares. Fervilham às
margens das lagoas e baías. Na
seca se concentram em pequenas
poças d'água. Sobrevivem também
às cheias. Aos desafios extremos.
São a memória da Terra primitiva.
Guardam o mistério dos mananciais.
Com seus instintos anfíbios
transitam entre mundos, susten-
tam e equilibram o ambiente.

Da janela do trem, a caminho
de Corumbá, eu os observava:
quase invisíveis, parados, seme-
lhantes a troncos de árvores boi-
ando. De repente, astutos e pru-
dentes, caminhavam em direção à
presa: peixes, aves, caramujos. As
enormes mandíbulas abertas, var-
rendo a lama. Aqui e ali, pedaços
de seus rabos e pelis se esparra-
mavam, pois sempre se regene-
ram. São animais encantados, que
mexem com nossos medos ocul-
tos.

Foi Jonir que pintou esse qua-
dro mágico. Amigo de tantas déca-
das, companheiro de ativismos
culturais. Entrava sem avisar em
nossa casa, para um café ou um
mate gelado. Com seus olhos ver-
des, sua fala mansa de pantaneiro.
E quanta história tinha esse
desenhista livre: cofundador do
Movimento Cultural Guaicuru que
exaltava a identidade indígena de



Jacaré do Pantanal

Mato Grosso do Sul. Expôs seus
trabalhos em países como Japão,
União Soviética, Europa e até na
ONU, em Nova York.

Teve uma fase, nos anos 80,
em que pintou jacarés e carapaças
de couro, evidenciando sua preo-
cupação ecológica. Denúncia da
intensa exploração na região. O ja-
caré aparecia como totem, como
figura real e mítica, ameaçado e
ameaçador, caçado e caçador. Jo-
nir tornou o jacaré um personagem
do imaginário coletivo, um ícone da
paisagem, um grito plástico, merca-
dadoria de sangue.

Foi nessa época que adquiri-
mos esse quadro. Para nós ele é
erótico, representativo de um ca-
samento de seres ancestrais, cri-
ativos e equivalentes. Jacarés sor-
vendo goles de luar no seu habitat
natural. Brutos brinquedos.

Jonir faleceu repentinamente
numa madrugada fria de julho, en-
quanto participava da abertura de
um Festival de Cinema em Bonito.
Naquela solenidade estava elegan-
te, vestindo uma camisa de onci-
nha. Desfilou fagueiro pelo tapete
vermelho. Foi sua hora de estrela.
Depois, bebeu um licor de guavira
oferecido por seu anfitrião, deitou
um olhar de crocodilo sobre a noi-
te escura e dormiu para sempre.
Jacaré imóvel na barranca do rio.

Na parede de minha sala, ad-
miramos uma de suas marcas vi-
suais mais reconhecidas. Fertilida-
de e força dominam nossas vidas.

**Raquel
Naveira - São
Paulo (SP) -
é escritora
e poeta.
Membro da
Academia
Sul-Mato-
Grossense
de Letras, da
Academia de
Ciências de Lisboa e da
Academia Cristã
de Letras de São Paulo.**





Libitina de Jorge Ventura é lançada em São Paulo e no Rio



Renata Quiroga, Claudia Manzolillo, Jorge Ventura e Alexandre Brandão no Pen Clube do Brasil.

Jorge Ventura lançou *Libitina - Elegias e alguns infortúnios* (selo da Ventura Editora), em São Paulo, no Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo, com apoio do jornal *Linguagem Viva*.

Em setembro foram realizados mais dois lançamentos no Rio de Janeiro. No dia 18 no PEN Clube do Brasil e, no dia 29, na UBE-RJ.

Os eventos promovidos no Rio de Janeiro contaram com o apoio cultural do canal ArteCult.

Prestigiaram o lançamento mais de cem pessoas, entre amigos, parentes, poetas, artistas e membros de academias de letras.

No PEN Clube do Brasil foi realizada uma mesa-redonda sobre o tema "morte" com a participação de Jorge Ventura e dos convidados Claudia Manzolillo (abordagem literária), Renata Quiroga

(abordagem psicanalítica) e Alexandre Brandão (comentando o seu paratexto de orelha referente à obra).

A escritora, poeta e performer Val Mello apresentou uma performance supresa. Ela encarnou a figura da deusa romana Libitina, a senhora dos funerais.



Luiza Lobo (presidente da UBE-RJ) e Jorge Ventura.

O lançamento na União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro foi realizado durante a posse da nova diretoria da UBE-RJ que foi saudada pela presidente eleita Luiza Lobo.

Libitina - Elegias e alguns infortúnios, de Jorge Ventura recebeu dezenas de resenhas, artigos e depoimentos elogiosos de ensaístas, críticos e demais escritores, como Raquel Naveira, Luiz Otávio Oliani, Silvio Ribeiro de Castro, Sonia Maria Mazzei, Claudia Manzolillo, Val Mello, Márcio Catunda, Ana Lúcia Gosling, Rose Lima, Amalri Nascimento, Paulo Reis, Renato Moura e Ernani Fraga.



O PROTESTO JUSTO E GENEROSO DE ROSANI ABOU ADAL

Márcio Catunda



maré à Vila Maria, distribuindo panfletos contra essa loucura de gente matando gente.

Do Mar Morto ao Mar Vermelho, há opressão, medo fome e sede, onde outrora existiu um horto de cedros.

Nem precisava ser poeta para repugnar os escândalos e abominações, na Palestina, no Líbano, na Síria e no Iraque.

Ela própria se sente uma refugiada num mundo agônico, onde não existe solidariedade nem racionalidade.

Vejo e me solidarizo com a luta de Rosani, contra e a favor da humanidade. Contra o crime de Cain, que não pode seguir matando Abel por toda a eternidade. A favor do humanismo, cuja arma é a poesia e cuja voz é um alaúde em desespero!

Rosani não aceita a condição dos párias que vê nas ruas e praças da megalópole: crianças famintas, sem abrigo, sem escola, sem luz.

Tampouco admite Rosani a injustiça contra as famílias perseguidas pelos mísseis, na terra dos seus ancestrais.

Nem precisava ser filha e neta de sírios para se indignar com o horror da carnificina, em que mulheres viúvas, crianças órfãs e homens sem pernas nem braços, correm desesperados, debaixo dos bombardeios.

Rosani sai pelas ruas, do Belenzinho a Santa Cecília e de Su-

Márcio Catunda - Rio de Janeiro (RJ) - é poeta, escritor, ensaísta, romancista e diplomata. Membro da Associação Nacional de Escritores, do Pen Clube do Brasil e da Academia de Letras do Brasil.



Sebo Brandão São Paulo

Compra e venda de livros usados em todo o território nacional.

Fazemos encadernações.

Rua Conde do Pinhal, 92 - ao lado do Fórum João Mendes

Tels.: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 -
sebobrandao@gmail.com - Face: Sebo Brandão São Paulo
<https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr>



CORTEJO, procissão da dor

Ernani Fraga

Narrativa minimalista, microconto tem por objetivo causar reflexão, emoção ou surpresa no leitor, em poucas linhas, de forma concisa e impactante.

Circulando em torno de um único tema: a perda. De um único ambiente: a vida. De um único personagem: o vivente, CORTEJO, PROCISSÃO DA DOR, de Cláudia Brino, é uma coletânea de microcontos plena de silêncios delicados, de metáforas existenciais excruciantes e imagens fortes, um livro tocante, realista e duro, mas poético.

Cláudia Brino, escritora da Baixada Santista, é grande poeta, talvez uma das melhores da atualidade com a aparente singeleza de sua voz poética, porém sofisticada, pois escreve com alma e delicadeza as dores humanas em poesia espalhada por mais de quinze livros.

Então me chega pelo correio esta experiência em prosa e me faz recordar de seus livros FRONTEIRA, um romance, O LADO VERTICAL DA CRUZ, um livro de contos, e o belíssimo FRAGS, prosa poética: encantamento puro, poesia em sua mais elevada expressão.

Cortejo, procissão da dor, o livro, é purgação e também ternura, piedade da personagem consigo própria e uma espécie de Fênix a arder-se em braseiro para, em seguida, renascer das próprias cinzas e alçar voo novo noutras circunstâncias da existência que se impõe como uma necessidade premente de seguir em frente. Prosa e poesia pura. Não tem nomes. Não tem história. Não tem personagem nomeado. Tem um estado de alma a reverberar o futuro qual uma ave recupera aos poucos a autonomia de voo de sua asa quebrada. É força, coragem, recomeço onde se *"chorou tudo o que uma dor é capaz de chorar e o lenço continuou seco entre os dedos."*

É a dor feita consciência, tal uma voz habitando silêncios, sedimentando caminhos, avaliando instantes diversos no redimensionamento dos objetos familiares e do cotidiano a partir da noção irreme-



diável da perda como um novo ponto de partida nas interrupções inesperadas com seu tanto de poesia e de memória imprescindível à continuidade da vida.

Imensos de poesia densa, estes microcontos, quase uma pintura de quadros pinçados do cotidiano *"regando lembranças"* quais *"um suspiro, um lamento daquilo que não podemos ter mais"*, formam uma procissão de acontecimentos que se acumulam em resiliência e silêncios de *"dormir no pé da saudade"*.

Ilustrações da dor, qualquer que seja ela, física ou de alma, Cortejo, procissão da dor, nos retempera, fortifica, nos revitaliza com *"o silêncio seco entre os dedos"*. Um grande livro.



Ernani Fraga - São Paulo (SP) - é escritor, poeta, ator e dramaturgo. Formado em Direito. Autor de *Árvore Queimando* - Bethânia Rock, espetáculo musical teatral.

VINHETAS

Danilo Gomes

a calda fria do medo
a enseada escura da noite
o silêncio mais fundo da madrugada
o caçador da arca perdida
o marcial esplendor das armaduras
a tristeza pluvial de Antuérpia
o fel que antecede a morte
a carga de um grande segredo
a alma sutil das coisas
a praça silenciosa sob a chuva
as alvas alfaías de serviço
a dinastia shogunal dos Tokugawa
o jardim da praça às seis da tarde
as danças primaveris da cidade de Kyoto
flamingos num lago da Índia
a luz da manhã nos teus cabelos
a capela barroca no outeiro
a penumbra espectral da sacristia
o brilho do Ostensório entre os círios
o vale escuro das sombras da morte
a luz de Buenos Aires, Quito e Lisboa
as torres e templos de Kathmandu no Nepal
o melancólico prelúdio espanhol ao violão
o rosto que se perde na distância
a breve canção de nossa vida
a solitária viagem de nossa morte

Danilo Gomes - Brasília (DF) - é escritor, advogado, jornalista, membro da Academia Mineira de Letras e cidadão honorário de Belo Horizonte.



Canto do Alaúde



Rosani Abou Adal

Canto do Alaúde
poemas de **Rosani Abou Adal**
capa de **Janna Adal**
prefácio de **Ronaldo Cagiano**

Está à venda na
Estante Virtual
Livraria Unesp -
Praça da Sé, 108
(11) 3107-2623

Sebo Angelo Agostini
Galeria Nova Barão - Loja 63
- Rua Barão de Itapetininga, 37 - (11) 99686-4895

Pedidos pelo WhatsApp (11) 97358-6255



80 ANOS DA INDISPENSÁVEL CARTA DE PRIMO LEVI

Benilson Toniolo

Turim, 26 de novembro de 1945.

Recém libertado pelo exército russo do campo de concentração de Auschwitz, o químico e escritor italiano Primo Levi, considerado um dos nomes mais importantes da cultura universal no século XX, escreve uma carta aos seus tios, Nella e Emilio Avigdor, ambos residentes em São Paulo, contando um pouco de sua trajetória enquanto prisioneiro dos nazistas durante a Segunda Guerra.

De origem judaica e membro de um grupo de *partigiani* (que se opunha ao nazifascismo), Levi foi apanhado junto com outros companheiros e levado, em uma viagem de cinco dias de trem, sem comida e sem água, para a Polônia, sendo detido no campo de concentração que ganhou notoriedade pela crueldade e pelo extermínio de milhares de pessoas durante o período que durou o conflito.

A carta envia aos parentes, que neste ano de 2025 completa 80 anos, antecede o que o autor contará em 1947 em “É Isto Um Homem?”, livro em que narra todo o sofrimento e as agressões sofridas durante o confinamento no campo de concentração.

Na correspondência, Primo relata as condições em que foi detido, quem eram os seus companheiros e como foi a chegada à Polônia, quando homens, mulheres e crianças eram escolhidos aleatoriamente, pelos militares alemães, quem seria executado e como seria a morte, e quem seria enviado para o campo de trabalhos forçados e mantido sem água e sem comida.

Raspam os nossos cabelos, tatuaram no braço números em ordem progressiva, tiraram nossas



roupas e nos revestiram com trapos imundos listrados: não somos mais homens. Ninguém espera sair. No dia seguinte começa o trabalho, e para quem não morre continuará por 11 meses, sem um dia sequer de descanso. Há quem quebra pedras, quem descarrega tijolos, quem cava a terra, quem carrega sacos de carvão e cimento. Nenhum de nós entende alemão, então levamos pancadas a valer.

Mais adiante, ele relata o que se passa com os prisioneiros que adoecem:

Quem fica levemente doente é colocado alguns dias para descansar: os doentes graves desaparecem, eles vão para um campo a 10 km daqui, onde tudo é muito bem organizado e a câmara de gases tóxicos e o crematório funcionam sem interrupção. Mas nem precisa estar doente: apenas estar fraco ou muito velho, ou mesmo apenas ter um momento de azar: as “seleções” continuam em intervalos irregulares, em uma fração de segundo se julga se estamos ou

não aptos a fornecer mais trabalho útil. Quatro milhões de judeus cruzaram a soleira da câmara de gás. Por três anos a Chaminé obscureceu o céu.

Primo foi “salvo”, como ele mesmo relata, por dois motivos: primeiro em razão de sua formação como químico, o que poderia lhe emprestar certa utilidade pelos conhecimentos e pelos experimentos dos nazistas; e segundo, por ter contraído escarlatina, o que o obrigou a permanecer por algum tempo sem trabalhar sem que fosse levado para os fornos e as câmaras de gás, como comumente acontecia com os outros que adoeciam.

Tanto a carta quanto o livro se constituem uma experiência de vida dolorosa, triste, repugnante e desumana, que está longe de ser mero fruto da imaginação de alguém, mas acontecimentos reais que ainda não completaram, sequer, um século.

Falei com alemães prisioneiros dos russos, depois do armistício: sérios, frios e convictos, eles dizem: “Desta vez deu errado. Na próxima será melhor”.

Em tempos de recrudescimento dos valores e da doutrina nazifascista em todo o mundo – sobretudo na Europa –, reler o depoimento e os relatos de Primo Levi acaba por se tornar tarefa fundamental e emergente para os que se ocupam do resgate histórico e da preservação da dignidade humana.

É função de cada um de nós evitar que haja uma “próxima vez”.

Benilson Toniolo - Campos do Jordão (SP) - é professor e escritor. Exerceu os cargos de presidente da Academia de Letras de Campos do Jordão e de Secretário Municipal de Valorização da Cultura de Campos do Jordão.



<https://www.lojaventuraeditora.com.br/>

<https://www.facebook.com/venturaeditora>

venturaeditora

venturaeditora.editor@gmail.com

 (21) 99962-6653 e (21) 99974-8655



OS DIAS

Tanussi Cardoso

para o poeta **Pedro Lyra**, em memória

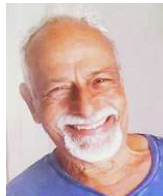
Eis a hora:
barcos isolados nos mares,
águas fétidas,
desintegradores de auroras,
velhas bombas modernas,
torpor dos tempos.

Correm rumores de outros mundos:
de mortos a caminhar nas calçadas,
de muros nascendo nas noites,
do silêncio triste dos amantes,
da ausência das varandas,
do fim do olhar das janelas.

Tempo das cavernas eletrônicas,
do culto esperto dos milagres,
do escárnio das emoções,
da falsificação dos sonhos,
da infância sem palavras.
(*Há poucos céus
e muitos deuses para se orar.*)

Eis a hora:
quando tudo se calou
e os dias dançaram
entre os escombros
e os ossos.

Tanussi Cardoso
- Rio de Janeiro (RJ) -
é escritor,
contista, crítico literário,
letrista de MPB e jornalista.
Formado em Direito.
www.tanussicardoso.com.br



ACHADO

Noélia Ribeiro

Procu-ro-te no palheiro
e espeto o dedo enamorado

Noélia Ribeiro - Brasília
(DF) - é poeta, revisora,
professora e taquígrafa.
Formada em Letras na
UnB, publicou cinco
livros. Instagram:
[@noeliaribeiropoeta](https://www.instagram.com/noeliaribeiropoeta)



PAZ

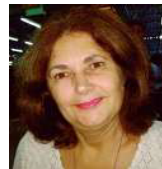
Maria de Lourdes Alba

Onde a paz poderia estar
Senão no teu olhar
Onde os lábios pousariam
Senão nos lábios teus
Após o teu cantar

Os pássaros te ensinaram
A dançar e rodopiar no ar
Sem nem saberes voar

E nessa imensidão azul
Sem início sem meio sem fim
São os teus olhos que brilham
Tal como a vida ousaria brilhar

Maria de Lourdes Alba
- São Paulo (SP) -
é escritora, poeta,
jornalista e
pós-graduada em
Jornalismo.
albalou@uol.com.br



CULPA

Jorge Ventura

Tecido raro
Última moda

Corpo coberto
de pano e culpa

Mentira e classe
Dono da rua

De mais a roupa
De menos o homem

(In *Outras urbanas*, 2023, Ventura Editora)



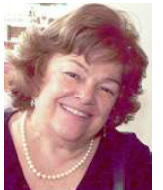
Jorge Ventura - Rio de Janeiro (RJ) -
é ator, editor e poeta.
jorgeventura@terra.com.br (E-mail)
[@jorgeventura4758](https://www.instagram.com/jorgeventura4758) (Instagram)

PACTO INSÓLITO

Alice Spíndola

Não seria aqui mesmo
a *Laguna Estigia*?
Aqui, no Inferno, ao lado do Paraíso;
aqui, no púlpito da Sinagoga,
onde desembarcam os réprobos,
da nave de Caronte?
Aqui, onde a paciência e a revolta
travam batalha em mim.
Ormuz e Ariman, em eterna luta:
tiranícídios, parricídios, genocídios,
suicídios...
Somos os olhos dos anjos
e os dentes dos diabos.
Nos capitéis do espírito,
o Arcanjo Gabriel golpeia o demônio.
Na urna do obscurantismo,
o Bem e o Mal fingem
que são inimigos;
dão-se as mãos e as apertam,
até se romperem as falanges.

Alice Spíndola - Goiânia
(GO) - é poeta, contista,
tradutora e artista
plástica. Graduada em
Letras AngloGermânicas
pela Universidade Católica
de Goiás.



O código do amor

Isabel Furini

preto fio de telefone
iluminado pelo Sol
uma andorinha pausa
- gorjeia (em código)
uma mensagem de amor
e a vida (inóspita)
parece mais amena
e na textura da alma
um anjo de asas brancas
drena a negatividade
e semeia poemas de amor

Isabel Furini - Curitiba
(PR) - é escritora e
educadora. Autora de *Os
Corvos de Van Gogh*
(poemas). Criadora do
Projeto Poetizar o Mundo.
Foi nomeada Embaixadora
da Palavra pela Fundação
César Egido Serrano (Espanha, 2017).





Livros

Nestor Tangerini e o Café Paris - Niterói, Anos 1920, crônicas de Nelson Marzullo Tangerini, Editora Autografia, Rio de Janeiro (RJ), 234 páginas.

ISBN: 978-85-518-8031-9.

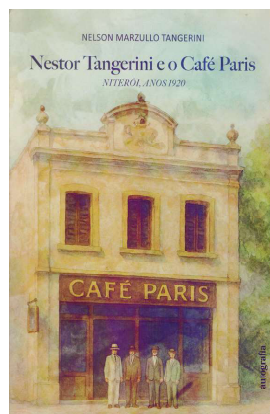
O autor é escritor, poeta, cronista, professor, compositor e caricaturista.

O escritor, professor e compositor piracicabano Nestor Tangerini (1895 - 1966) foi um dos poetas da Roda Literária do Café Paris - um movimento - que marcou a história de Niterói (RJ) na década de 1920.

A obra reúne crônicas de Nelson Marzullo Tangerini que foram escritas através de manuscritos do seu pai - Nestor Tangerini - sobre o Café Paris e seus poetas.

Abriga fotos históricas.

Editora Autografia: www.autografia.com.br



O Banquete do Paixão – Um mundo de cornos na literatura, Antônio Paixão, Observador Legal Editora, 304 páginas, São Paulo.

ISBN: 978-85-85548-39-1.

A capa e ilustrações internas são de Xavi.

O diretor editorial é Durval de Noronha Goyos Júnior e a coordenação editorial de Ruberval Silva.

O autor luso-brasileiro Antônio Paixão é heterônimo de Durval de Noronha Goyos Júnior, ex-presidente da UBE, membro da Academia de Letras de Portugal e diretor do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo.

Participam do "Banquete do Paixão" o heterônimo Paixão, o cantor napolitano Beppe Molisano, o bardo inglês Tony

Malvern, o professor chinês Yuse Fajin e mais cinco personagens.

Observador Legal Editora: www.observadorlegal.com.br – contato@observadorlegal.com.br

Os 70 Ausentes de Pedra Branca, contos de Cláudio Feldman, Editora Taturana, Santo André (SP), 96 páginas.

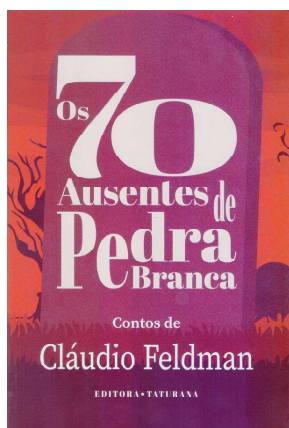
ISBN: 978-65-01-34759-2.

O autor é escritor, professor, membro da Sociedade Brasileira de Língua e Literatura (Rio de Janeiro) e membro da Academia de Letras do Brasil (Brasília). Tem 62 livros publicados de poesia, ficção, romance, topocrônica, humor, literatura infantil, teatro e cinebiografia.

A obra foi realizada com projeto gráfico, diagramação e ilustrações da Ideografia Ilustrações e Projetos Gráficos.

Abriga 70 contos curtos tragicômicos, sobre a cidade Pedra Branca, lapidados de humor que retratam um necrológico urbano.

Cláudio Feldman: claudiofeldman44@gmail.com



Guatemala e Palestina sob o Tacão Genocida de Israel: Uma história silenciada pela mídia hegemônica, geopolítica, Leonardo Wexell Severo, 124 páginas, Papiro Produções, São Paulo.

ISBN: 978-85-64392-09-0.

O autor é escritor, jornalista, redator especial do jornal *Hora do Povo*, pós-graduado em Política Internacional pela Faculdade de Sociologia e Política e colaborador dos sites Diálogo do Sul, Vermelho, Correio da Cidadania e da Agência Latino-Americana da Informação.

Leonardo faz referência de um trecho do poema "Sem Pão" do livro *Canto do Aláude* de Rosani Abou Adal.

Segundo o editor da Diálogos do Sul Paulo Canabrava Filho, "Neste livro, ele traça um paralelo poderoso entre a tragédia da Palestina e a história de lutas e violências na Guatemala - dois territórios distintos, mas marcados por uma mesma ferida colonial: a dominação imperialista, a exploração dos corpos e da terra, o silenciamento das culturas originárias. Ao escancarar esses vínculos, Leonardo denuncia a cumplicidade de potências e transacionais com projetos genocidas e aponta para a resistência viva de povos que se recusam a desaparecer."

Editora Papiro: papirproducoes@hotmail.com - Tel.: (11) 3571-7978.



Monstros Modernos & Meias Verdades, poemas de Alessandro de Paula, Edições Archangelus, 100 páginas.

ISBN: 978-65-5215-064-6.

O autor é escritor, poeta, contista, revisor, preparador e editor da área de textos. Publicou *Palavra Atômica*, poemas, e *O Universo Cabe em Meu Horizonte*, contos.

Segundo o escritor e apresentador da live *Leitura de Quinta* José Danilo Rangel, "Alessandro de Paula se lança ao maior dos desafios: dissecar o monstro ainda vivo (na verdade, monstros - e modernos). Mexer com isso maltrata, o monstro morde, arranha, o poeta não escapa ileso, cansa, duvida, fraqueja, mas por isso mesmo poesia!"

Alessandro de Paula: (11) 95780-6399

Edições Archangelus: (11) 99861-9450

Fênix - Toda Palavra Resiste, antologia da poemas e prosas, organizada por Cai Duarte Furlan, Renovagraf, 136 páginas.

ISBN: 978-65-00-93151-8.

Participam da antologia os autores Ana Cláudia Gonçalves, Cai Duarte, Henriette Effenberger, Iara Cavalcanti, Jussara Reis, Lena Santos, Vanessa Magalhães e Verônica Lopes.

A obra foi realizada através da Lei Paulo Gustavo do Ministério da Cultura, Governo Federal União e Reconstrução.

Segundo Pécio Lima, "O corpo dessa obra é iluminado de memórias, lirismos e assombro (matéria prima da poesia) no seu contexto mais amplo. Um convite às palavras. Boa leitura."

Luka Magalhães: (11) 99861-9450.





Rosani e Carlos Galdino

Rosani Abou Adal participou do Sarau do Jabaquara e autografou seu livro de poemas *Canto do Alaúde*, no dia 27 de setembro, na Biblioteca do CEU Caminho do Mar, Av. Eng. Armando de Arruda Pereira, 5241, em São Paulo. O sarau é coordenado por Carlos Galdino e José Soares. Estiveram presentes os escritores Carlos Galdino, Ernani Fraga, Keiko Yanomine, José Soares, Maria Creuza e Remisson Aniceto, frequentadores da biblioteca e a bibliotecária Glecia Regina Camargo.

Vértice do Apocalipse, poema de Rosani Abou Adal do livro *Mensagens do Momento* (1986), foi publicado em espanhol - *Vértice del Apocalipsis* -, com tradução de Elciana Goedert, na revista digital Literarte da Argentina. <https://revistaliterartedigital.blogspot.com/2025/09/rosani-abou-adal-brasil-septiembre-2025.html>

Dalila Teles Veras, escritora, poeta, editora e fundadora da Alpharrabio Livraria, Editora e Espaço Cultural, foi homenageada no 2º Encontro Multicultural do ABC realizado na Casa da Palavra Mário Quintana, em Santo André (SP).

Luis Fernando Veríssimo, escritor, humorista, cartunista, tradutor, roteirista, compositor, saxofonista, cronista, romancista e dramaturgo, faleceu no dia 30 de agosto, em Porto Alegre (RS). Nasceu em Porto Alegre no dia 26 de setembro de 1936. Autor de *As mentiras que os homens contam*, *O Popular: Crônicas ou coisa parecida*, *A grande mulher nua*, entre outras importantes obras. Foi agraciado com o Prêmio Jabuti. Em 2014 foi homenageado pela escola de samba Imperadores do Samba, de Porto Alegre, com o enredo *A Imperadores do Samba faz a justa homenagem aos personagens de Luis Fernando Veríssimo*.

Notícias

László Krasznahorkai, escritor húngaro, foi agraciado com o Prêmio Nobel de Literatura 2025. Escritor, advogado e formado em língua e literatura húngaras na ELTE, defendeu tese formal sobre o trabalho e as experiências do escritor e jornalista húngaro Sándor Márai (1900–1989). Publicou livros de ensaios, novelas, crítica, contos, entrevista e roteiros para cinema. O romance *Sátántangó* foi publicado pela Companhia das Letras com tradução de Paulo Schiller.

Ana Paula Tavares, poeta, romancista, contista e historiadora angolana, foi laureada com o Prêmio Camões 2025. Receberá a importância de 100 mil euros subsidiada pela Fundação Biblioteca Nacional e pelo Governo de Portugal. Ana Paula Tavares também foi agraciada com o Prêmio Mário Antônio de Poesia da Fundação Calouste Gulbenkian, com o Prêmio Nacional de Cultura e Artes de Angola, entre outras importantes laureas. No ano anterior foi laureada a escritora, poeta, professora, filósofa, romancista e contista Adélia Prado.

Sérgio Ramalho, jornalista investigativo e escritor, foi agraciado com o 47º Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos, na categoria livro-reportagem, com a obra *Decaído – A história do capitão do Bope Adriano da Nóbrega e suas ligações com a máfia do jogo, milícia e o clã Bolsonaro* publicada pela Matrix Editora.

Daniel Munduruku, escritor, professor, ator e ativista indígena, foi eleito para a cadeira número 21 da Academia Paulista de Letras que foi ocupada pelo acadêmico Roberto Duailibi. É mestre em antropologia social e doutor em educação pela USP e em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos. Foi agraciado com o Prêmio Jabuti, com o Prêmio da Academia Brasileira de Letras de melhor livro infantil, entre outros.

A Fundação Biblioteca Nacional firmou parceria com a Marinha do Brasil que permitirá a doação de 2.424 livros para 8 comunidades ribeirinhas da Amazônia até o final do ano.

Lucinda Persona lançou o livro *Tudo é nuvem*, com ilustrações de Ruth Albernaz, pela Entrelinhas Editora.

Um labirinto labirintico, livro escrito por Jacques Fux e com design gráfico de Daniel Justi, publicado pela Editora FTD, foi o vencedor de ouro, na categoria de melhor design, no Latin American Design Awards.

Marcelo Crivella, ex-prefeito do Município do Rio de Janeiro (Republicanos), foi condenado pela Quarta Câmara de Direito Público ao pagamento de R\$ 100 mil por danos morais e coletivos que serão destinados a políticas públicas de combate à discriminação por orientação sexual. O caso ocorreu durante a Bienal do Livro de 2019 quando o ex-prefeito ordenou a lacração de obras que retratavam afeto entre pessoas do mesmo gênero.

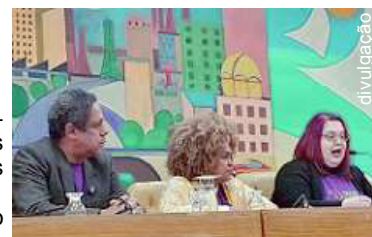
Nei Lopes lançou *Dicionário dos direitos humanos e afins* pela Civilização Brasileira. A obra abriga cerca de 500 verbetes, em linguagem acessível, termos relacionados a conceitos e práticas ligadas aos direitos humanos.

Os trabalhos e os dias do Kim (a juventude comunista alemã), texto inédito de Olga Benário (1908-1942), traduzido por Rustam Nabiullin, foi publicado pela Editora À Margem. A obra foi organizada pela filha da autora Anita Leocádia Prestes em parceria com o cineasta Silvio Tendler (1946–2025).

Ailton Krenak, membro da Academia Brasileira de Letras, foi laureado com o título de Doutor Honoris Causa da Universidade Federal da Bahia que foi proposto pelo Instituto de Humanidades de Artes e Ciências Professor Milton Santos.

O Selo Ação foi lançado pela ong Ação da Cidadania em comemoração aos 90 anos de nascimento do sociólogo Herbert de Souza - Betinho - (1935-1997) e pelos 32 anos de atuação "contra a fome, a miséria e pela vida".

Rita Palmeira, Doutora em Literatura Brasileira pela USP e mestre em Teoria Literária pela Unicamp, será a nova curadora da Festa Literária Internacional de Paraty.



Deputados Orlando Silva e Ediane Maria e a presidenta do CRB8 Ana Cláudia Martins.

O III Fórum de Bibliotecas Escolares teve como tema "Bibliotecários (as) antirracistas constroem bibliotecas escolares decoloniais". O evento, apresentado por Regina Fazioli, contou com o apoio do vereador Professor Toninho Vespoli (PSOL). Foi organizado pelo Conselho Regional de Biblioteconomia do Estado de São Paulo CRB8 em parceria com o Centro Universitário Assunção, a Universidade de São Paulo, Universidade São Francisco, Universidade de São Paulo campus Ribeirão Preto, Universidade Santa Cecília e Conselho Federal de Biblioteconomia. O debate, realizado no dia 26 de setembro, na Câmara Municipal de São Paulo, contou as participações da deputada estadual Ediane Maria e do deputado federal Orlando Silva, com mediação da presidenta do CRB-8 Ana Cláudia Martins.

Márcia Moura, com o romance inédito *Malhada das graúnas*, foi agraciada com o Prêmio Pallas de Literatura 2025 que é promovido pela Pallas Editora.

Sueli Carneiro, escritora, ativista e filósofa, foi agraciada com o Prêmio Intelectual do Ano 2025–Troféu Juca Pato que é organizado pela União Brasileira de Escritores. Sueli publicou no ano anterior a biografia *Lélia Gonzalez: um retrato* (Zahar). Concorreu com os escritores Daniela Arbex, Jeferson Tenório, Lília Schwarcz e Maria Valéria Rezende. A entrega do Troféu Juca Pato – Prêmio Intelectual do Ano será realizada no dia 28 de novembro, sexta-feira, às 21 horas, no Palácio de Cristal, Rua Alfredo Pachá, em Petrópolis (RJ). O troféu será entregue pela agraciada no ano anterior Míriam Leitão.

A Editora Cavalo Azul lançou a antologia *Abalando o centro de um dia azul*, poemas de Ruy Proença, organizada e prefaciada por Alexandre Bonafim.